

O número nada auspicioso do Opinião da semana passada, pareceu antever o caos que se instalaria no mundo durante o Carnaval. Portanto, tentando exorcizar as vibrações ruins da semana passada, vamos usar o Opinião de hoje para tentar responder as perguntas que passam pela cabeça de todos nesse momento: O aconteceu para que o mercado piorasse tanto durante as nossas festas de Momo? O movimento não foi exagerado? O pior já passou? Qual o impacto disso tudo na economia brasileira?

Para começar, vamos atualizar o que já sabendo sobre o atual surto de coronavírus, fazendo as mesmas comparações que utilizamos no Opinião 663 com relação ao SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome). A despeito do contágio do surto atual ser muito mais rápido e mais espalhado pelo mundo, o seu ciclo vai seguindo o que esperávamos. No texto do início de fevereiro concluímos que: *“se o padrão da SARS se verificar, podemos começar a ver o declínio desses números em mais ou menos duas semanas”*. O que, realmente se verificou para a China. Entretanto, a característica do contágio ser mais rápido do que no caso do SARS, traz uma consequência, o motivo do pânico dessa semana: a disseminação pelo mundo é muito maior agora e, essa, ainda está em aceleração. Quantificando, enquanto o SARS contaminou 8.096 pessoas em 29 países, o surto atual de coronavírus já atingiu 83.732 pessoas em 50 países. Além disso, a doença está chegando de forma mais forte em países “centrais”, com 650 casos já confirmados na Itália e 2.337 na Coreia do Sul. Fazendo apenas um parêntese na discussão, o 3º lugar onde houve mais casos confirmados até agora foi o navio Diamond Princess (aquele que ficou atracado no Japão), com 705 casos... tempos estranhos. Voltando a discussão central, o que ajuda na disseminação do atual coronavírus é o período de incubação (período no qual o infectado não apresenta sintomas da doença, mas pode transmiti-la) que pode levar até 14 dias, contra 7 dias do SARS, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, na sigla em inglês). Entretanto, a taxa de mortalidade é bem menor, 3,4%, contra 9,6% do SARS e muito menor do que a pandemia da gripe Influenza A, 21,0%. Portanto, mantemos a nossa análise do início de fevereiro, de que esse novo surto de coronavírus é um evento

temporário que segue o padrão normal de propagação, começando em meados de dezembro, com a chegada do inverno e acabando entre abril e maio com a chegada da primavera no hemisfério norte. Se o que está acontecendo não é nada de anormal na história recente, por que essa reação do mercado?

O primeiro motivo é que, dada a elevada liquidez nos mercados globais, os ativos, principalmente o índice S&P da bolsa americana, estavam “esticados”, favorecendo movimentos fortes de correção em momentos de aumento da aversão ao risco. Outro motivo relevante é a importância da China no atual contexto de interligação das cadeias produtivas. Portanto, qualquer problema com a produção por lá, tem efeitos sobre toda a economia mundial, não apenas pela compra menor dos chineses, mas pelo gargalo que pode acontecer na produção ao redor do mundo por falta de matérias primas. Se considerarmos que, esse problema ocorre quando várias economias ao redor do mundo flertam com a recessão, e os BCs tem pouco espaço para reduzir mais os juros para fazer políticas monetárias contracíclicas, temos mais um motivo para correção: a expectativa de uma queda nos resultados das empresas no curto prazo. Dessa forma, o que está acontecendo agora nos parece mais uma correção em um mercado que vem de um período longo de valorização, do que uma mudança estrutural de patamar. Entretanto, isso não quer dizer que essa correção já acabou, uma vez que ainda estamos vulneráveis a notícias ruins, principalmente aquelas ligadas a paralização da produção em outros países, inclusive o Brasil, por conta da falta de matérias primas vindas da China e/ou ao aumento substancial de casos nos EUA, a próxima fronteira. Com o VIX (índice de volatilidade do S&P, considerado um bom indicador da aversão ao risco) em níveis mais altos desde agosto de 2011, quando os EUA tiveram a sua nota de crédito reduzida pela S&P de AAA para AA+, todo o cuidado é pouco.

Após tentar entender o que está acontecendo lá fora, vamos nos voltar para a expectativa de qual será o impacto dessa confusão toda associada ao coronavírus no Brasil. O primeiro ponto a destacar é que, a despeito do primeiro caso confirmado desse tipo de gripe em terras brasileira, dificilmente teremos reproduzido aqui a propagação nas ocorrências vistas no hemisfério norte, por um motivo simples: estamos no verão e o coronavírus é um vírus eminentemente de inverno, como, aliás, todo o tipo de gripe. Ou seja, o maior perigo para nós seria que esse vírus continuasse a se propagar no mundo até o nosso inverno, sem que já tenha sido desenvolvida alguma vacina. Pensando apenas em saúde pública, o mais importante agora seria se preocupar com doenças de verão como a Dengue. Por exemplo, os casos dessa doença em 2020 (até 01 de fevereiro) chegaram a 94.129, contra 79.131 no mesmo período do ano passado, uma alta de quase 19,0%. Obviamente que no caso da Dengue é necessário um vetor (o mosquito *Aedes Aegypti*), ao contrário do coronavírus, o que faz o primeiro ser de mais fácil controle do que o último, mas, de qualquer maneira, devemos reforçar que, em termos de saúde pública, o coronavírus não parece se configurar em uma ameaça no curto prazo, como ocorrer em países do hemisfério norte. Entretanto, se isso é verdade do ponto de vista de saúde pública, o mesmo não pode ser dito em termos econômicos.

No Opinião 665, já havíamos reduzido a nossa projeção de crescimento do PIB do Brasil em 2020 de 2,3% para 2,0%, por conta dos efeitos diretos da redução das importações de produtos brasileiros por parte da China. Entretanto, ainda não “colocamos no preço” que os problemas de fornecimento de matérias primas oriundas das fábricas chinesas possam paralisar a produção por aqui. Segundo uma reportagem de hoje do jornal O Estado de São Paulo, pesquisa feita pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE), 57% das empresas ouvidas já apresentavam problemas, 4% operavam com paralização

parcial e 15% planejavam paradas parciais. Esse quadro se torna um pouco mais preocupante porque estamos nos aproximando dos Dia das Mães, o que pode comprometer de forma permanente o resultado tanto da indústria quanto do comércio no ano, mesmo considerando que o que deixou de ser produzido for compensado posteriormente. Além desse efeito concreto, o maior risco para o desempenho da economia seria a queda na confiança dos agentes econômicos, como aconteceu no episódio da greve dos caminhoneiros em 2018. A produção pode ser compensada, mas a perda no ímpeto para consumir e investir, não. Portanto, novas revisões para o crescimento brasileiro em 2020, dependerão das notícias sobre possíveis paralizações da produção brasileira em decorrência da suspensão da atividade em várias fábricas na China durante fevereiro, e da evolução dos índices de confiança do empresariado e do consumidor.

Na próxima semana teremos a divulgação do PIB do 4º trimestre de 2019 que, apesar de ser uma visão da economia pelo retrovisor, também poderá alterar as perspectivas para o crescimento em 2020. Sempre lembrando que o número do último trimestre do ano tem um impacto maior no resultado do ano seguinte do que do ano corrente, vemos o porquê da importância do número do ano passado para o resultado desse ano. O mercado está com uma projeção ao redor de 0,6% de crescimento com relação ao trimestre anterior, um pouco abaixo da nossa, de 0,7%.

A conclusão a que chegamos é que o movimento pode estar exagerado, mas, dificilmente será revertido no curto prazo. Estamos vivendo mais de dúvidas do que de certezas, o que faz com que o mercado perca os parâmetros. Entretanto, devemos lembrar que qualquer gripe tem o seu ciclo e este se encerra com a chegada da primavera no hemisfério norte. Além disso, sempre temos a possibilidade de ser encontrada uma vacina contra esse coronavírus.

Certamente ela não estará disponível para uma grande campanha de vacinação durante esse surto, mas o simples anúncio da descoberta será suficiente para reverter o atual pessimismo. Já por aqui, os efeitos mensuráveis, por enquanto, estão restritos ao impacto direto da redução das exportações de produtos brasileiros para a China, ficando a verificar como a paralização da produção chinesa impactará a cadeia de suprimentos por aqui e, como o a agitação dos mercados poderá afetar a confiança dos agentes econômicos na recuperação da economia brasileira. No mais, o que temos a fazer é seguir o conselho de Winston Churchill que, durante a 2ª Guerra afirmou que *“se você está atravessando o inferno... não pare”*.

	<b>Projeção</b>		
	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>
<b>IPCA (%)</b>	<b>4,31</b>	<b>3,20</b>	<b>3,75</b>
<b>Câmbio (eop R\$/US\$)</b>	<b>4,02</b>	<b>4,21</b>	<b>4,37</b>
<b>Selic (eop %)</b>	<b>4,50</b>	<b>4,25</b>	<b>5,50</b>
<b>PIB (%)</b>	<b>1,10</b>	<b>2,00</b>	<b>2,80</b>

Este material possui cunho meramente informativo, não constituindo qualquer tipo de oferta, convite, proposta ou aconselhamento por parte do Banco ABC Brasil S.A. (“Banco”) aos seus destinatários para quaisquer fins, inclusive, mas não limitado, à contratação ou não de operações financeiras, negócios ou investimentos, bem como quanto ao desenvolvimento por estes, ou não, de quaisquer estratégias correlatas. O envio deste material aos seus destinatários se dá de forma gratuita e por mera liberalidade do Banco, não se configurando como qualquer tipo de produto ou prestação de serviços por parte deste, ao qual fica reservado o direito de descontinuar o envio destas informações a qualquer tempo e sem qualquer tipo de aviso prévio a seus destinatários. As informações contidas neste material foram obtidas de fontes públicas e consideradas razoavelmente apuradas na data de sua divulgação. O Banco não confere aos destinatários deste material qualquer espécie de garantia, direito ou pretensão no que se refere às informações ora apresentadas, bem como quanto à sua exatidão, completude, isenção, confiabilidade ou atualização. Quaisquer decisões, contratações, investimentos, negócios ou estratégias, relacionadas ou não às informações ora apresentadas, deverão ser adotadas, efetuadas ou desenvolvidas pelos destinatários deste material exclusivamente de acordo com seus critérios de avaliação próprios e sob sua integral responsabilidade, com base nas informações por estes obtidas de forma independente e de acordo com a análise e opinião de seus consultores, analistas e administradores próprios. O Banco não será responsável, perante os destinatários deste material ou quaisquer terceiros, por qualquer forma de utilização das informações ora apresentadas, bem como por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Este material e as informações dele constantes somente poderão ser reproduzidos, divulgados ou redistribuídos com a expressa anuência por escrito do Banco. Este material não se constitui, e não deve ser interpretado, para quaisquer fins, como relatório de análise nos termos do artigo 1º da Instrução CVM n.º 483, de 06 de Julho de 2010.